

Congresso Convergência 2023  
Qual a ética para a prática psicanalítica na **atualidade**?  
POSIÇÃO DO ANALISTA

Rosa Navarro

Gostaria de começar nomeando a dupla função do psicanalista: sustentar o ato analítico por seu desejo de analista e pensar a psicanálise, o que se manifesta em seminários, exposições, jornadas, congressos, e outras trocas com os pares. Por isto último é que tomei as interrogações da apresentação deste Congresso, para continuar pensando na psicanálise e para tentar respondê-las.

Já no início, a palavra “atualidade” do título do congresso me faz pensar. Essa palavra refere-se ao tempo, à temporalidade como consciência do presente, mas na sua ligação ao passado e ao futuro, isto é, às épocas, que se definem por seu histórico dos modos de vida. Assim, podemos dizer que as subjetividades são históricas no seu pertencimento a uma época, e que os laços sociais, ou seja, os discursos, determinam o modo de vida de todo sujeito, seus valores, seus semblantes, seus ideais, suas polêmicas... Ora bem, dito isso podemos asseverar que o inconsciente não é histórico, já que não é efeito do discurso, mas efeito da linguagem, daí a divisão do sujeito, corte e separação para sempre de uma parte de si mesmo, seu exílio de origem, sujeito destinado aos impossíveis do ser falante, cuja divisão situa a dimensão corporal. Numa conferência de Colette Soler, percebi a verdadeira dimensão subversiva de Freud, ao estabelecer uma sexualidade não genital e a parcialização do corpo pulsional, ou seja, um gozo sexual do corpo, parcial e não genital, e uma sexualidade limitada, cortada, castrada.

Os efeitos da linguagem não variam ao longo do tempo. Portanto, quando o discurso se altera, a mudança não pode ser de estrutura. Tomo isto como guia para pensar as seguintes questões.

*1 Que intervenção fazer, sendo que muitas das demandas que recebemos não se propõem mais do que a resolução – rápida, se for possível - da angústia ou do sintoma?*

Segundo o que acaba de ser explicitado, não temos nenhum motivo para pensar que os sujeitos de hoje não podem ser analisados, e me pergunto: qual seria o problema para os psicanalistas? se sabemos que a psicanálise não sustenta os ideais de civilização, que quem faz a demanda está sujeito ao inconsciente, portanto, ao sintoma e ao gozo próprio de cada um, sua singularidade de gozo, que é para o que aponta a análise. Quem demanda uma análise o faz porque algo veio quebrar sua vida cotidiana, o psicanalista recebe a pessoa que vem e aceita sua demanda, porque a psicanálise refere-se a um sujeito e à relação desse sujeito com a palavra, palavra falada, cujos efeitos vemos no inconsciente, e aceitamos isso que é mais próprio, seus sintomas, esta quebra sintomática é o fundamento da psicanálise. O analista está implicado no inconsciente, é assim como Lacan o diz no seminário XI: “a presença do analista é ela própria uma manifestação do inconsciente”<sup>1</sup>.

*2 Qual é a condução da cura que poderia levar os pacientes a fazerem uma análise propriamente dita?*

Essencialmente, temos que dizer que o motivo de consulta é a falha do desejo, nesse sentido, o analista, como causa de desejo, está bem situado. Desde o início, a aceitação da demanda é o encontro ao qual o desejo do analista comparece, é aquilo que opera na cura e o que está na origem do ato analítico como causa da localização significativa quanto ao

---

<sup>1</sup> Lacan J. Seminário XI, Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis. Aula X Pág. 131 Ed. Paidós Buenos Aires, Argentina. 1973.

objeto que o sujeito é no seu fantasma para o gozo do Outro. Conduzir e orientar a cura é o ato do analista que ocupa o lugar de semblante, do objeto que divide o analisando entre seu desejo e seu gozo.

O desejo do analista é um desejo desprovido do desejo de curar, cujas raízes se encontram na infância, e como tal, desejo edipiano. E mais, a análise conduz para a revelação do incurável: perda do objeto, pulsão parcial, castração, repetição, fixação de gozo que fixa o ser, seu sintoma de gozo. Assim, podemos dizer que curar sem querer curar é a contrariedade interna do desejo do analista e sua singularidade, é a posição ética do analista, e funciona a partir do momento do encontro com a pessoa que faz a demanda.

### **3 Que efeito tem *na transferência* o fato dos laços e as relações amorosas terem se tornado volúveis?**

Eu me pergunto: Houve tempos em que as relações amorosas não fossem, entre outras coisas, volúveis? A literatura está cheia desses amores e do oposto: amores que deixam de sê-lo apesar da permanência da relação. No seminário VIII sobre a transferência (1960-61) Lacan explicita, na sua metáfora do amor, a queda da idealização do objeto a agalmático, apontando assim para a posição do analista, aí deve se abster de todo ideal. No final da última aula desse seminário, Lacan diz: "*Um analista deve saber que não há objeto que tenha maior valor que um outro, aqui está o luto em torno do qual está centrado o desejo do analista*", ou seja, todos esses objetos são o mesmo objeto caído.

No seminário XI, Lacan enuncia que a transferência é a passagem ao ato da realidade sexual do inconsciente, isto é, a passagem ao ato da pulsão em relação ao analista. De um lado, a demanda de amor idealizante, e, de outro, a realidade sexual pulsional, as duas conectadas através do desejo que assegura a assistência da perda, uma perda perpetuada. A presença do analista é irredutível como testemunho dessa perda.

Para finalizar, quero enfatizar a posição ética do analista. E para isso, vou tomar o que no Seminário XI Lacan destaca no capítulo XVII sobre a busca de Descartes: O que é que procura Descartes? É a certeza. E ele cita suas palavras: *Tenho um extremo desejo de aprender a distinguir o verdadeiro do falso, para ver claro em minhas ações, e caminhar com segurança nesta vida*. Lacan salienta que a maneira cartesiana de percorrer caminhos é essencial para abrir o caminho para a verdade que ele encontra. É sua maneira e seu próprio método, para isso ele colocou em suspensão o Saber e os saberes.

A posição ética consiste em sustentar o desejo de encontrar um caminho para a verdade, um caminho próprio. O ato analítico exige essa posição ética do desejo do analista para se dirigir ao encontro dos impossíveis.

Rosa Navarro  
2023